

RESENHA

COMO AVALIAR NA EDUCAÇÃO SUPERIOR HOW TO ASSESS IN HIGHER EDUCATION CÓMO EVALUAR EN EDUCACIÓN SUPERIOR

Luiz Dalmacir da Silveira
luizdalmacir@gmail.com

Ferreira, Sandra Lúcia. **Avaliação das aprendizagens para professores da educação superior**. – São Paulo: Editora Senac, São Paulo, 2019. (Série Universitária).

Sandra Lúcia Ferreira é professora, pesquisadora e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação Mestrado Profissional da Universidade Cidade de São Paulo (Unicid). Mestre e doutora em Psicologia da Educação pela PUC-SP, leciona nos cursos de pós-graduação da Unicid e em cursos de *lato sensu* no Instituto de Artes da Unesp. Também é pesquisadora associada do Centro Internacional de Estudos em Representações Sociais e Subjetividade (CIERS-Ed) e do Núcleo de Pesquisa Internacional em Representações Sociais (NEARS-PUC/SP). Diante de uma vasta experiência profissional e acadêmica na área de estudos sobre avaliação, Sandra brinda os seus leitores com seu mais recente livro *Avaliação das aprendizagens para professores da educação superior*.

A obra, impressa e distribuída pela Editora Senac, São Paulo, faz parte de um projeto editorial de difusão do conhecimento sobre avaliação e visa subsidiar os professores da Educação Superior (ES) com reflexões sobre as práticas avaliativas. Com lançamento previsto para 2019, a obra está dividida em oito capítulos, organizada em mais de 140 páginas. Cada capítulo apresenta uma estrutura didática de fácil compreensão, pois introduz o tema, propõe aspectos importantes para reflexão e finaliza com as considerações finais e indicação de bibliografia para aprofundamento. Desse modo, no conjunto, o leitor pode compreender o significado e a importância dos processos de avaliação das aprendizagens.

O exemplar é resultado da vasta experiência e vivência da pesquisadora com processos avaliativos tanto no ambiente de sala de aula quanto nas assessorias prestadas aos entes governamentais. A linguagem simples, utilizada para facilitar o entendimento e agilizar a leitura, não reduz em absolutamente nada a sua importância.

Material importantíssimo para professores da ES e que pode ser utilizado também por professores da Educação Básica (EB).

O livro apresenta um caminho a seguir. Nesse sentido, ao se compreender o planejamento como caminho, a avaliação pode ser, por analogia, a *bússola* que orienta os caminhantes. É a partir dessa ideia que a autora propõe um roteiro para auxiliar professores(as) a repensar sua prática avaliativa.

No início do caminho encontra-se o aspecto histórico e uma conceituação do que seja avaliar. Começar pela contextualização aponta para a ideia de que avaliar não é algo recente ou uma preocupação atual dos professores. Avaliar, portanto, é algo corriqueiro na vida “dos seres humanos” e existe há muito tempo. Avalia-se tudo, pois, em todo processo há um julgamento feito por um sujeito que busca saber se está ou não no caminho certo. E, no caso específico do professor da ES, a avaliação deve ir além da ação de “dar notas”. Portanto, buscar formação e informação sobre “o saber fazer” torna-se necessário em uma “perspectiva de aperfeiçoar o trabalho feito em sala de aula” (p.10). A crítica recai sobre a ideia reducionista de se pensar a avaliação como ação de medir e classificar. Quando entendida dessa maneira, a avaliação se apresenta como discriminatória, pois estimula a concorrência e a rivalidade entre os sujeitos avaliados. E não é esse o objetivo da avaliação das aprendizagens.

Prosseguindo no caminho, no capítulo 2, a autora centra sua reflexão nas políticas públicas de regulação e sugere utilizar os resultados de avaliações externas no planejamento das atividades em sala de aula. O professor(a) poderia utilizar os resultados do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES) e o Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE), por exemplo, para melhorar, rever ou aprofundar sua prática pedagógica e, assim, gerar uma aprendizagem mais significativa aos estudantes. São os resultados dessas avaliações que impactam a vida do professor, pois são tomados como medida para um julgamento ou juízo de valor a respeito do trabalho docente. Segundo a autora, uma pergunta bastante intrigante se impõe: “Será possível implantar um sistema de avaliação que fosse capaz de captar a realidade em constante movimento e reconhecer, como valor, a atuação do professor e de outros profissionais?” (p.30). O que se percebe, nesse movimento dialético de utilização dos resultados das avaliações em larga escala, é que professor e aluno são os grandes vencedores nesse jogo do ganha-ganha. Ambos se beneficiam das indicações apresentadas pelas avaliações, pois podem reorientar e aperfeiçoar suas ações, contribuindo para a qualidade da ES.

Um ponto de parada desse caminho, presente no capítulo 3, indica a necessidade de unir a avaliação das aprendizagens ao planejamento curricular. A autora detalha a função da avaliação no processo pedagógico, que é muito mais do que classificar, certificar ou mesmo regular a vida dos alunos. Sua reflexão sobre os

impactos filosóficos e psicológicos dos processos avaliativos em sala de aula indica que é hora de propor uma nova atitude formadora, ou seja, a avaliação deve ser diagnóstica, somativa, formativa e também autoavaliativa. Um aspecto interessante trazido para a discussão, pela pesquisadora, é a comparação do processo avaliativo com um jogo. Assim, “o professor (o jogador) precisa conhecer bem as regras da ação de avaliar (o jogo), identificando a existência de diversos jogos, com lógicas diferentes” (p.41). A avaliação, por sua vez, também apresenta suas regras orientadoras que podem ajudar o professor a ter mais “clareza a respeito de quais são suas intenções e de quais papéis podem ser desempenhados para a avaliação” (p.42). Portanto, cabe ao educador escolher diferentes alternativas pedagógicas, inclusive com a coleta de dados de avaliações em larga escala, como forma de correção dos rumos ou mesmo aperfeiçoamento do trabalho formativo. Portanto, “buscar coerência e equilíbrio entre ensino e avaliação são atitudes ousadas, pois as regras desse jogo não são, muitas vezes, percebidas pelos professores” (p.54).

Ao retomar o trajeto, já no capítulo seguinte, a autora propõe uma discussão sobre valores, ou seja, os juízos e as subjetividades presentes no ato de avaliar, de modo a demonstrar que os professores enfrentam dilemas na hora de avaliar e isso interfere em todo o processo, prejudicando o resultado que, muitas vezes, não se apresenta como o esperado. A ES, por sua vez, apresenta uma dinâmica própria na relação professor-aluno. Nessas relações, ambos “são carregados de histórias/vivências pessoais” (p.59) e trazem consigo as “marcas” de vivências escolares anteriores e que se reproduzem em sala de aula, inclusive nos procedimentos avaliativos. São marcas de uma pedagogia tradicional que se reflete nas angústias vivenciadas pelos professores em relação a “buscar novas alternativas para a avaliação” (p.60). Segundo a autora, “é no espaço dessas relações que se vivencia a complexidade do trabalho das avaliações das aprendizagens” (p.62), uma vez que envolvem noções de valores subjetivos. Assim, assumir essa posição significa optar e reconhecer “a avaliação como atividade política, intencional, inserida no contexto das relações individuais e sociais” (p.64). São exigências éticas assumidas pelo professor e que recaem sobre a ideia de que o “juízo de valor está no cerne da avaliação” (p.66). Por isso, a avaliação das aprendizagens deve ser mais integrativa, participativa e negociada com estratégias inovadoras, tornando-a mais significativa.

Mais à frente, no percurso do caminho avaliativo, a autora apresenta, no capítulo 5, os procedimentos e instrumentos necessários para uma avaliação das aprendizagens. Relembrando a discussão do capítulo anterior sobre o juízo de valor, acrescenta instrumentos, técnicas e critérios orientadores do juízo de valor como meio para se conseguir um resultado satisfatório. Tais valores e princípios são manifestos nas relações estabelecidas no cotidiano escolar quando o professor solicita que

o estudante se manifeste apresentando um resultado ou produto de sua vivência com o conteúdo estudado. É certo, portanto, que a “avaliação é parte integrante dos processos de ensino e aprendizagem” (p.76). Assim, para que a prática da avaliação seja mais significativa, é preciso ampliar o leque de critérios oferecidos no ato de avaliar ou de produzir um juízo de forma que o aluno possa “evidenciar os passos que foram dados até a resolução de um problema” (p.79). Desse modo, a avaliação é uma parte do processo, como também a aprendizagem e o ensino. O professor pode lançar mão de outros instrumentos para proceder à avaliação das aprendizagens e não somente o uso de provas teóricas escritas. A autora enfatiza que “para sistematizar o trabalho avaliativo, o professor deve organizar uma ‘tábua de critérios’ ou ‘chave de correção’, que deverá ser elaborada com o instrumento avaliativo” (p.85). Portanto, os instrumentos e procedimentos utilizados para avaliar as aprendizagens devem servir como “ferramentas da caixa de um trabalhador” (p.88), para facilitar o trabalho do professor e não o dificultar.

Novamente, é preciso fazer uma parada desse percurso para refletir sobre a avaliação diagnóstica. No capítulo 6, a autora apresenta o julgamento diagnóstico como característica de uma ação mais efetiva da aprendizagem. O diagnóstico é uma das funções da avaliação e visa uma ação a partir da realidade por meio de informações coletadas entre os agentes envolvidos no processo. É “descrever e analisar a situação em que se encontra um fenômeno, seguindo um conjunto de passos ou, melhor dizendo, seguindo um procedimento” (p.92), analisando e interpretando dados e, por fim, emitindo um juízo de valor, o que caracteriza uma ação de avaliar. Esse é um ponto importante para o professor, pois indica e forma um círculo virtuoso ao possibilitar a observação, avaliação e o planejamento de ações mais assertivas em torno do processo formativo. Na ES, o professor pode se utilizar desse procedimento no início ou durante o processo formativo. Neste capítulo, a autora traz indicações práticas para ajudar o professor da ES a melhorar sua prática docente com quadros e modelos indicadores que podem ser adaptados a cada realidade em particular.

Ao retornar ao itinerário inicialmente planejado, o capítulo 7 dá destaque ao aspecto formativo da avaliação das aprendizagens. As avaliações formativas visam oferecer subsídios aos educadores para melhor emitir juízo de valor às práticas escolares. Por isso, esse tipo de avaliação tem como característica o acompanhar o percurso educativo do estudante, isto é, evidenciar os aspectos relacionados à “individualidade processual de aprendizagem de cada estudante ou de uma turma, suas necessidades, seu ritmo, seu histórico social-cultural e suas expectativas” (p.106). A avaliação, a partir desta visão formativa, associa os aspectos formais e informais na coleta de dados e na produção de juízos de valor. “Pode-se, então, dizer que esse tipo de avaliação ajuda, por meio de um duplo *feedback*, o estudante

a aprender e, ao mesmo tempo, o professor a aperfeiçoar seu processo profissional” (p.111). A avaliação deve ser, portanto, mediadora e emancipatória de todo o processo de ensino e aprendizagens com vista a orientar o caminho e favorecer o diálogo entre professor e estudante, constituindo um campo favorável para o processo formativo. Portanto, “a avaliação é componente indissociável da ação de ensinar e aprender, pois é capaz de orientar as tomadas de decisões, seja em macro ou em microdimensões” (p.114).

Ao finalizar o percurso, a professora dá destaque, no capítulo 8, para a avaliação somativa. Semelhante ao capítulo anterior, a avaliação somativa envolve uma série de elementos que também ajudam o professor em sua ação pedagógica. Esse modo de avaliar também é conhecido como avaliação de produto, de resultado ou de verificação. É aplicada ao final do processo educativo, com instrumentos mais objetivos, uma prova escrita por exemplo. No entender da autora, “a avaliação somativa ou de produto tem seu valor na medida em que orienta estudantes e professores quanto ao que se conseguiu atingir do plano pedagógico proposto” (p.125).

Tanto professores(as) da ES quanto da EB ou mesmo pesquisadores(as) das mais diferentes áreas podem percorrer esse caminho junto com a autora em busca de uma avaliação mais significativa. E é aí que se encontra o valor da obra analisada. A ideia básica é transformar uma representação negativa da avaliação em uma mais positiva e emancipatória. A avaliação se constitui, portanto, como uma poderosa proposta de ação que possibilita a revisão de rumos e deve ser reconhecida como um “direito público, próprio das democracias” (p. 126), pois possibilita ao sujeito avaliado a opção de participar de todo o processo em que está envolvido. É uma forma de adquirir consciência crítica e de ter poder nas decisões a que se está submetido. Por isso, segundo a autora, “a avaliação deveria ser reconhecida como componente pedagógico associada ao desenvolvimento curricular, capaz de indicar se os objetivos educacionais propostos foram atingidos, implicando em uma mudança de comportamento dos estudantes” (p. 127).

Elemento essencial do trabalho pedagógico em qualquer tipo de instituição de ensino (básico ou superior), pois é componente da ação docente uma vez que, por meio dela, pode-se rever o caminho inicialmente proposto e aprimorar o trabalho educativo. Vale ressaltar que a “avaliação educacional é muito mais ampla do que um conjunto de provas aplicadas” (p.138). Ela é a garantia da aquisição das aprendizagens necessárias e compromisso fundamental com a melhoria do ensino. Compreender a avaliação por essa perspectiva é reconhecer seu papel político, sua ação efetiva em vista de uma aprendizagem mais significativa.

A obra, em sua totalidade, se apresenta como leitura recomendada para a compreensão dos processos avaliativos e de como se situar diante da angústia de se

avaliar outro ser humano. Sandra Lúcia Ferreira desmistifica a ideia de avaliação e propõe formas simples e eficazes de se proceder diante do ato de avaliar. Por isso, os leitores que se dispuserem a dedicar um tempo À leitura desta obra, certamente, irão jogar o jogo do ganha-ganha, mudando sua visão sobre avaliação das aprendizagens.

SOBRE O AUTOR

LUIZ DALMACIR DA SILVEIRA. Pesquisador no programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação da Universidade Cidade de São Paulo (UNICID) na área de Políticas Públicas, no Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação, na Universidade Cidade de São Paulo (UNICID). Possui PÓS-GRADUAÇÃO especialização *lato sensu* em Filosofia Contemporânea e GRADUAÇÃO Licenciatura Plena em História e GRADUAÇÃO Licenciatura Plena em Filosofia pelo Centro Universitário Assunção (UNIFAI). Atualmente é professor na rede particular de Ensino do Estado de São Paulo nas áreas de História e Filosofia para o ensino Fundamental II e Médio.

RECEBIDO: 17/06/2019.

APROVADO: 02/07/2019.